

## Cardoso: um governante implacável?

Os protestos públicos da oposição somaram-se, nos últimos dias, as vozes de um pequeno grupo de políticos governistas que, pelos cantos, lamentam as declarações do presidente Fernando Henrique Cardoso, despejadas sobre os adversários em geral e a esquerda em particular. O sentimento de todos é o de que está faltando ao presidente a generosidade que os vitoriosos, por dever de grandeza, devem dedicar aos derrotados. Um governante até agora vitorioso mas, igualmente, sem piedade. É mais ou menos assim que se desenha o retrato em branco e preto do presidente.

Da atitude com a greve dos petroleiros fez-se o primeiro traço. Dali nasceu a impressão de que ao presidente interessa manter o movimento sindical cabisbaixo, sem forças, incapaz de se

opor ao seu poder. Não importa no caso botar o foco da análise no comportamento dos grevistas, que somaram às suas reivindicações corporativas algumas ações e palavras insensatas. Mas, sim, pontuar a contradição do social-democrata que vem demonstrando intolerância com os sindicatos. E, em geral, com os seus oponentes.

A rude atitude com os sindicalistas, fragilizados após a decisão do Tribunal Superior do Trabalho que classificou a greve de abusiva, evidenciou a disposição do governante. Não seria o caso — como ponderam os políticos, intelectuais e, até mesmo, alguns empresários — de buscar o diálogo, seja frente a frente com os líderes do movimento ou mesmo através de prepostos? Mas o que se fez, foi o contrário. O gesto posterior à decisão legal foi o de acenar — e agir — com os rigores da lei. E o rigor da lei não é, precisamente, a divisa que se podia esperar de um político que despontou para a vida pública apoiando, no final dos anos 70, o nascente e vigoroso sindicalismo do ABC paulista. A luta então era contra as leis impostas pelo regime militar.

O segundo episódio que, na visão quase geral,

monta o esboço da impiedade do presidente é mais recente. Após colher e saborear as vitórias no Congresso — onde aprovou com maioria folgada algumas transformações essenciais para a modernização da economia brasileira —, Fernando Henrique soltou o verbo contra a oposição. Alvejou os “inimigos” com artilharia pesada: “A esquerda é burra.” O presidente — um ex-esquerdista — pisoteou um adversário caído que, pouco, ou quase nada, tem interferido no curso do processo político. Além do mais a burrice — o valor por ele invocado — não é a melhor medida de julgamento para os homens públicos. Valores mais fundamentais para o trato com a coisa pública são a probidade, a seriedade, a verdade. Sobre isto, não há referências no discurso do presidente.

Ao contrário. Na festa de comemoração do primeiro aniversário do Plano Real, coube a Fernando Henrique destacar a presença do ex-ministro da Fazenda Rubens Ricupero, que ganhou notoriedade com as declarações prestadas a um repórter de televisão, durante a campanha eleitoral. No episódio que se tornou conhecido como “a crise da parábola”, Ricupero arriscou uma frase de autocondecoração

para sua gestão no governo: “O que é bom a gente fala, o que é ruim a gente esconde.” Disse e, de público, não confessou o erro. Fernando Henrique Cardoso cunhou, nas comemorações do real, a frase que faz *pendant* com esta: “O ministro Ricupero é uma parte da história do real.” Certamente, a parte oculta.

Mas há exemplos de comportamento diferente. Infelizmente não vem de alguém do próprio país. Designado embaixador brasileiro na Itália, Ricupero respira o mesmo ar que o filósofo Norberto Bobbio, que, aos 86 anos, cultiva sua dignidade em Turim. Bobbio chegou a ser preso por militância antifascista na juventude. Dias depois enviou carta às autoridades, arrependendo-se. A carta foi descoberta em anos recentes por seus adversários. Instado a falar sobre o episódio, Bobbio não tergiversou. Disse mais ou menos o seguinte: “A carta é minha. Foi um erro. Haverá certamente quem, no meu lugar, não faria o que eu fiz. Eu me arrependo.”

Embora não sejam farinhas do mesmo saco, o modelo poderia ter inspirado Betinho no episódio dos bicheiros e, agora, os jornalistas que buscam aposentadorias privilegiadas. Imorais.